

	<p>Editoria: Saúde</p> <p>Coluna: --</p>	<p>Página:</p> <p>F4 E F5</p>
<p>Assunto: O perigo que se esconde nas chuvas</p>		<p>Data: 09/03/2014</p>
<p>Origem: (X) Press-relese da assessoria de imprensa () Matéria articulada pela assessoria de imprensa () Iniciativa do próprio veículo de comunicação</p>		<p>Enfoque: (X) Positivo () Negativo () Neutro</p>



Quem costuma curtir o fim de semana em regiões de floresta como sítios, chácaras ou áreas recém-desmatadas deve ficar atento aos cuidados preventivos para evitar acidentes com animais peçonhentos. O alerta é da diretora-presidente da Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), Graça Alecrim, que observa que esses locais, aliados ao tempo chuvoso, oferecem maior risco.

De acordo com a diretora, as notificações dos acidentes vêm crescendo, gradativamente. O número de pacientes atendidos na FMT-HVD passou de 118, em 2010, para 476, em 2013. A médica destaca que alguns fatores como desmatamento e construção de casas em áreas alagadiças fazem com que os animais se desloquem dos seus habitats para áreas mais próximas das populações urbanas, deixando-as mais expostas.

O chefe do Departamento Clínico da FMT-HVD, Antônio Magela Tavares, explica que cerca de 90% dos casos atendidos na unidade são relacionados a picadas de serpentes. Um dos cuidados, portanto, é evitar adentrar em área de mata fechada.

Magela destaca que outras medidas preventivas podem ser adotadas por pessoas que têm contato com áreas de floresta como, por exemplo, utilizar calças compridas e botas, além de redobrar a atenção nestes locais. Para adentrar nestas regiões é aconselhável, ainda, fazer uso de algum tipo de bastão para abrir caminho, afastando entulhos que estão à frente, e que podem servir de esconderijo para os animais.

O médico esclarece que no caso de acidentes com serpentes, escorpião, aranhas, entre outros bichos peçonhentos, a medida correta é lavar o ferimento com bastante água e sabão e buscar atendimento imediato, na unidade de urgência mais próxima do acidente ou na FMT-HVD, que é a unidade de referência, no Estado, para este tipo de tratamento.

O período de alta incidência fica entre novembro e junho, por conta da época de cheias. Mas neste período de chuvas, os animais também saem da água em busca de abrigos secos e seguros para se alimentar e se reproduzir. “Estes locais são quase sempre próximos de áreas habitadas, o que aproxima as pessoas dos animais, elevando o risco de acidente”, disse.



Como agir em caso grave

O que não fazer

O médico infectologista frisa que chegam à FTM-HVD, com muita frequência, pacientes que, na tentativa de impedir a circulação do veneno no organismo, acabam adotando medidas prejudiciais ao tratamento, como por exemplo, amarrar o membro atingido, colocar produtos como café e álcool sobre o ferimento, sugar o veneno com a boca e até cortar o local da picada. Ações como esta última, diz ele, podem acelerar o surgimento de hemorragias no paciente, que já fica naturalmente vulnerável à ocorrência deste sintoma. Segundo Magela, atitudes equivocadas podem gerar uma infecção secundária, deixando a situação ainda mais grave.

O que fazer

Além de buscar rapidamente uma unidade de saúde, outra medida importante é tentar identificar o bicho que ocasionou o ferimento. O médico ex-

plica que a identificação do animal, permite que o profissional possa administrar o soro específico para neutralizar aquele tipo de veneno. “Se for possível capturar o animal, é importante trazê-lo em um recipiente para mostrá-lo ao profissional na hora do atendimento”, frisou.

O infectologista esclarece, ainda, que nem sempre o paciente será medicado com antiveneno porque, às vezes, a quantidade de veneno injetado pelo animal é insuficiente para causar envenenamento. Nesta situação, não será preciso administrar o soro. O médico ressalta que essa avaliação, entretanto, deverá ser feita por um profissional de saúde. Os sintomas de envenenamento mais comuns são dor, inchaço e sangramentos progressivos. Quando a picada é causada por jararacas, pode ocorrer insuficiência renal, cujo principal sinal é diminuição do volume de urina.

